

# **SOBRE OS VALORES DE *ficar* EM PORTUGUÊS EUROPEU\***

CLARA NUNES CORREIA  
(Universidade Nova de Lisboa – FCSH)

*ABSTRACT: It is our proposal to discuss the semantic values of 'ficar' (to remain / to stay) in contemporary European Portuguese. Dealing with some theoretical and methodological controversy on the categorisation of this verb in literature (presented as an auxiliary verb, or a semi-auxiliary verb), we assume that it is possible to describe it, in order to unify the different syntactic configurations of this verb. The concept of schematic-form will support the argument in which the stability of any lexical unit supports and defines all the possibilities of different meanings of this lexical unit. In this presentation we will also take in consideration the hypothesis of Lehmann (2008). For this author 'ficar' as an auxiliary verb derives from a grammaticalization process.*

*Key-words: v. ficar, auxiliarization, temporal/modal and aspectual processes, basic and generic meaning, grammaticalization, schematic form.*

## **1. Introdução**

Em Português Europeu (PE) contemporâneo, a análise dos diferentes valores semânticos atribuídos a *ficar* resultam, necessariamente, dos valores das formas linguísticas presentes em configurações sintático-semânticas em que este verbo ocorre.

Ao tomar-se como referência as seguintes configurações em que *ficar* ocorre – *ficar* + *particípio passado*; *ficar* + *SN /SAAdj/ SAdv*; *ficar* + *prep* + *SN /SAAdj /SAdv*; *ficar* + *prep* + *Inf.*; *ficar* + *gerúndio* (PB) – verifica-se que, decorrente desta distribuição, está associada a este verbo uma outra questão que se prende com o seu estatuto gramatical: é considerado como verbo auxiliar (cf., por exemplo Cunha & Cintra 1984), ou como semi-auxiliar (cf., entre outros, Gonçalves & Costa 2002 e Gonçalves 1999).

---

\* Agradeço, reconhecida, a leitura atenta que foi feita do meu texto pelos membros da comissão científica. Os comentários recebidos contribuíram para que o trabalho pudesse ser melhorado e completado. Naturalmente que s eventuais erros e omissões (ainda) existentes são da minha inteira responsabilidade.

O estatuto de verbo auxiliar é reforçado em Lehmann (2008), defendendo o autor que esta característica de *ficar* se deve a um processo de gramaticalização, processo esse que permite entender esse estatuto como resultante de um *cline* em que, e tendo em conta a análise de textos diacronicamente relevantes, visivelmente se dá a passagem de Verbo Lexical a Verbo Auxiliar, ao longo da história do Português.

No entanto, ao analisarem-se diferentes ocorrências de *ficar*, (nomeadamente construções com *ficar a N*, *ficar para N*, *ficar de inf*) e, se nos centrarmos nos valores que essas ocorrências definem, não parece ser possível aceitar a existência de uma generalização unificadora sobre uma auxiliarização de *ficar* em PE.

Tendo em conta o que acima se afirmou, julga-se pertinente encontrar uma estabilidade que sincronicamente caracterize *ficar*. Assim, para dar conta dos diferentes valores – de natureza modal, temporal e/ou aspectual – que *ficar* exhibe em PE, pretende-se com esta comunicação apresentar argumentos que permitam definir essa estabilidade.

Defende-se, assim, sob o ponto de vista teórico, que as formas linguísticas, por serem marcadoras de operações cognitivas diferenciadas, definem uma interação com formas linguísticas co-ocorrentes. (cf., e.o, Campos 1998, de Vogüé 2004). De forma a validar esta hipótese, analisar-se-ão construções em que *ficar* apresenta uma heterogeneidade de valores graças às relações que estabelece com as diferentes formas ou construções com que co-ocorre.<sup>1</sup>

Metodologicamente, será necessário, por isso, analisar não só o valor das preposições na definição dos diferentes valores semânticos das diferentes configurações de *ficar + prep+N/Inf.*, como também dar conta da relação que, numa dada predicação, *ficar* estabelece com as diferentes propriedades semânticas que o argumento externo ( $C_0$ ) e argumentos internos ( $C_1$ ) manifestam.

Estes procedimentos de análise permitirão verificar de que forma a natureza semântica heterogénea (deformável) deste verbo, permite definir a sua estabilização nocional, possibilitando unificar, descritiva e explicativamente, os diferentes valores que *ficar* manifesta em PE.

---

<sup>1</sup> Assume-se, como suporte teórico a este trabalho, algumas propostas feitas no âmbito do quadro da Teoria Formal Enunciativa (cf. Culioli 1990, e.o.). Assim, o tratamento das formas linguísticas supõe uma análise transcategorial dos observáveis, interrelacionando-se uma análise sintático-semântica de *ficar*. A delimitação aqui proposta sobre as diferentes configurações em que *ficar* pode ocorrer resulta, assim, da procura da estabilidade desta forma a partir da deformabilidade que manifesta quando ocorre em sequências linguísticas diferentes e diferentemente produzidas e reconhecidas pelos falantes. A opção por este modelo de análise não exclui o recurso que se fará a outras propostas que se consideraram úteis e importantes para a descrição do funcionamento de *ficar* em PE contemporâneo.

## 2. Qual o estatuto [gramatical] de *ficar* em PE?

Como se referiu anteriormente, *ficar* aparece analisado nas Gramáticas e na literatura de forma não homogénea. Cunha e Cintra (1984), por exemplo, integram-no no grupo de verbos auxiliares<sup>2</sup>: “(...) [são verbos auxiliares] os verbos como *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar* e mais alguns outros que se ligam ao infinitivo do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da acção. (...) *ficar*, além de se juntar ao particípio para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se com (...) o Gerúndio, ou com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *a* (...), [e] com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *por*.” (*op. cit.*: 395-396).

No entanto, esta ‘categorização’ não é pacífica. Os trabalhos de Gonçalves & Costa (2002) e Gonçalves (1996), e.o., evidenciam argumentos para que *ficar* seja considerado não como auxiliar, mas como semi-auxiliar. Esta designação tem por base algumas características do funcionamento sintáctico deste verbo que, a partir de Gonçalves & Costa (2002: 97-98), se podem resumir em três vertentes: os semi-auxiliares não co-ocorrem com complementos frásicos finitos; não seleccionam a entidade que desempenha a função sintáctica de sujeito e não impõem restrições sobre o predicado verbal do seu complemento (sob o ponto de vista sintáctico ou aspectual). As características referidas acima, embora importantes, não constituem, necessariamente, características só aplicáveis a *ficar*, sendo importante referir aqui que as autoras não o incluem na descrição dos verbos que designam como semi-auxiliares (análise esta que incide sobretudo sobre verbos como *haver* (*de*), *dever*, *poder*, *parecer*, *ir*, entre outros). Foi esta heterogeneidade de análise (e não concordância metodológica quer ao nível dos critérios, quer ao nível das características formais que estes verbos manifestam), que nos levou a tentar encontrar novos argumentos que considerassem *ficar* como um verbo que manifesta propriedades que, em certo sentido, possam contribuir para a sua descrição homogénea.

Assim, em Lehmann (2008) são dados alguns argumentos (aqui considerados como necessários, mas não suficientes) que contribuem para uma estabilidade – pelo menos categorial – de *ficar*. O autor, neste trabalho, defende que *ficar* é (ou deve ser) considerado um verbo auxiliar, baseando esta proposta em atestações diacrónicas das formas (e usos) de *ficar*. A partir de uma análise das ocorrências deste verbo, recolhidas em textos do Português que cobrem o período do séc. XIII ao séc. XX, o autor defende a existência (observável) de processos claros de gramaticalização a que este verbo esteve sujeito. Como reforço desta argumentação, o autor mostra de que

---

<sup>2</sup> Para além destes autores, Gonçalves & Costa (2002: 11) referem que, no conjunto das Gramáticas (tradicionalistas) do Português, apenas Said Ali (1931) e Bechara (1999) o incluem na lista de verbos auxiliares, a par de verbos como *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, e.o.

forma a auxiliarização<sup>3</sup> de *ficar* era previsível e esperada, obedecendo a uma programação definida pelas suas próprias características: desde as suas primeiras ocorrências, *ficar* possuía todas as propriedades semânticas e sintáticas de um verbo existencial e de uma cópula e, além disso, tinha uma forma fonético/lexical curta, (em contraste, por exemplo, com *permanecer*). Estas evidências suportam a tese de que *ficar* dificilmente poderia resistir ao processo de gramaticalização, sendo possível recuperar, de forma transparente, a escala que suporta esses processos. Por outro lado, deve ainda sublinhar-se em favor desta tese que a conjugação perifrástica que emprega auxiliares que provêm de verbos existenciais e de cópulas estava já bem estabelecida no sistema quando *ficar* manifestava um funcionamento de ‘verbo pleno’. Por essas razões, a auxiliarização de *ficar* fortificava uma estratégia disponível na língua, sendo, por isso, natural a sua ‘passagem’ de verbo lexical a verbo auxiliar. Naturalmente que esta passagem, como em todos os processos de gramaticalização, não é abrupta, verificando-se, ainda hoje, que é possível identificar nas diferentes ocorrências de *ficar* uma interacção entre os significados básico e genérico<sup>4</sup> deste verbo, sendo igualmente possível interpretar *ficar* com valor de ‘*permanecer*’, i.e., o seu significado básico (com a configuração *ficar* v. intransitivo + loc), ou com o valor de ‘*tornar-se, estar a partir de um momento*’, em que, sobretudo em configurações com *ficar* SN/SAdj se evidencia o seu significado genérico.

Seguindo, ainda, a proposta de Lehmann (2008: 21-22), e numa tentativa de síntese, poder-se-á, de forma simplificada, propor a seguinte escala, ou *cline*, de *ficar*: verbo lexical pleno > significado básico (‘permanecer’) > significado genérico – (‘estar a partir de um momento, tornar-se’) > auxiliarização (*ficar* + SAdv e *ficar* + participípio).

### 3. Da heterogeneidade linguística à homogeneidade descritiva

As diferentes questões acima levantadas serão necessariamente importantes para se assumir, entre outras, que *ficar* é (ou constitui) um caso paradigmático de gramaticalização em Português. Não sendo pertinente neste trabalho discutir a abrangência desta hipótese para, por exemplo, discutir a estabilização do conceito de auxiliar (ou de semi-auxiliar), importa, no entanto, no estágio actual da língua, reflectir sobre os diferentes valores que este verbo manifesta. Apresentarei, por isso, algumas configurações disponíveis numa estrutura preposicionada (como invariante), caracterizando, num

<sup>3</sup> De acordo com Lehmann “por auxiliarização entende-se a passagem de um verbo lexical pleno a um (verbo) auxiliar, como processo de variação sincrónica e diacrónica.” (*op. cit.*: 10)

<sup>4</sup> Deve-se sobretudo a Jakobson (1936) esta diferença conceptual. Assim, e segundo Lehmann (*op. cit.*: 11), “o significado básico de uma expressão é aquele que está na base (diacrónica) de todos os seus sentidos (...). O significado genérico é o conjunto de intersecção de todos os sentidos, o que estes têm em comum e que pode ser muito abstracto.”

primeiro momento, a leitura preferencial que se pode obter em cada um dos casos analisados<sup>5</sup>.

1.º caso: *Ficar de* + inf

O valor mais saliente desta configuração é de natureza modal (comprometimento), em detrimento de um valor aspectual [+ durativo].

‘X *ficar de*’ constrói, por isso, um valor de intenção a partir de X em relação ao sujeito da enunciação, definindo um valor de modalidade intersubjectiva, não validada pelo sujeito da enunciação. Sintacticamente satisfaz todos os testes de verbo pleno, nomeadamente a co-ocorrência de adverbiais disjuntos temporalmente (*ele ontem ficou de vir amanhã*).

2.º caso: *Ficar para* + inf / SN

O valor relevante de *ficar para* é um valor de natureza temporal (marcação de posterioridade), sendo o parâmetro temporal (tempo da enunciação) o localizador dos acontecimentos linguísticos construídos; as expressões fixas ‘ficar para tia /ficar para as calendas’ remetem igualmente para um valor temporal; aspectualmente manifesta propriedades não télicas. Neste caso o limiar semântico é construído a partir da realização do limite (*visée*) definido pela entidade que ocorre à direita de *para*.

3.º caso: *Ficar a* + inf<sup>6</sup>

Quando *ficar* selecciona um SP cujo núcleo é a preposição *a*, é definido, sob o ponto de vista aspectual, um acontecimento não perfectivo (atélico), sendo, por isso, possível a sua co-ocorrência com adverbiais durativos. Sob o ponto de vista temporal, os acontecimentos construídos definem um contínuo, construindo-se uma ruptura temporal em relação ao tempo da enunciação. Por definir situações atélicas, *ficar a* + inf. relaciona-se, preferencialmente, com eventos prolongados e actividades. Quando se relaciona com verbos estativos (como, p. ex., *gostar*), define-se a passagem de um limiar semântico (*ficou a gostar de X*), equivalente a *passou a gostar de X*.

<sup>5</sup> Por razões de ordem metodológica apresentarei apenas as configurações de *ficar* + prep. com as preposições *de*, *a* e *para*. As configurações com as restantes preposições (como *por*, *com* e *em*, por exemplo, não serão aqui analisadas, mas integram-se na hipótese de Forma Esquemática que apresento no ponto 4 destes artigos. Sublinhe-se o facto de esta opção se prender essencialmente com a hipótese de que as configurações de *ficar* + prep. com as preposições *de*, *a* e *para* desencadeiam valores estáveis sob o ponto de vista modal, aspectual e temporal. Embora igualmente produtivas em PE as configurações como *ficar* + *por*, entendo que o valor construído é marginal a qualquer destes valores. Assim, *ficar por* inf. (*ficar por dizer/ fazer/ escrever/ contar...*), constrói um valor de complementar em relação ao termo de partida da predicação onde esta configuração ocorre, decorrendo da predicação construída os valores temporais, aspectuais e modais inerentes à predicação na sua totalidade e não à configuração em si.

<sup>6</sup> Em algumas variedades do PE, e sobretudo em PB, é possível substituir-se o SP por formas do gerúndio. De acordo com Lehmann (2008: 20) a construção *ficar* + gerúndio tem por base a construção *estar* + gerúndio, afirmando o autor que “Desde [o séc. XV] observa-se um crescimento contínuo [da construção *ficar* + gerúndio]. A partir do Século XVII, a situação apresenta-se relativamente estável. No século XX, o emprego no Brasil é 7 vezes mais alto que em Portugal. Como esta construção é a última [na] série [do desenvolvimento histórico de *ficar*], herda o sentido genérico do verbo *ficar*.”

Será importante, e apenas como ponto de comparação, dar conta dos valores semânticos de *ficar* quando ocorre em configurações não preposicionadas.

Assim, se se pensar agora nas configurações de *ficar* SN/SAdj /Particípio Passado<sup>7</sup> verifica-se que, sob o ponto de vista aspectual, todas elas manifestam tendencialmente uma passagem de fronteira, podendo ser parafraseadas como ‘passar a estar / passar a ser’, recuperando-se, da proposta de Lehmann, o que se designou como o significado genérico de *ficar*. Se tomarmos o tempo do enunciado como ponto de referência (*ontem X ficou doente / amanhã X fica feliz /o trabalho logo fica feito*), é esse o localizador da predicação construída.

A análise feita até aqui incide sobre o termo P. Muito breve e esquematicamente apresentarei algumas restrições impostas pelo SN que antecede *ficar*, aqui designado C<sub>0</sub>, isto é, o primeiro termo da relação predicativa:

[SN<sub>+Hum</sub>] *ficar de* Infinitivo / \**para* Infinitivo<sup>8</sup> / *a* Infinitivo  
 [SN<sub>-Hum</sub>] *ficar de* Infinitivo / \**para* Infinitivo /<sup>ok</sup> *a* Infinitivo\*  
 [SN<sub>+Hum</sub>] *ficar de* SN/ \*SAdj / \*SAdv / *para* SN/ \*SAdj / SAdv / \* *a* SN/  
 \*SAdj / \*SAdv  
 [SN<sub>-Hum</sub>] *ficar* \**de* SN / *para* SN / \* *a* SN/ SAdj / SAdv

Numa análise breve a esta não homogeneidade em relação a C<sub>0</sub> (ser +/-hum<sup>9</sup>) pode reter-se que as restrições apresentadas acima evidenciam que a interrelação entre os termos de cada hipotética relação predicativa, que decorre do esquema de configurações proposto, obriga a que a partir das características semânticas do primeiro termo da relação predicativa se coadune com o(s) significado(s) de *ficar*. Por outro lado, a incidência de análise em C<sub>0</sub> ajudará a suportar a tese central deste trabalho: *ficar*, ao associar-se a diferentes configurações preposicionais, assume valores de preponderância modal, temporal ou aspectual, preponderância essa que exige de C<sub>0</sub> uma compatibilidade semântica e funcional para a construção de sequências bem formadas.

<sup>7</sup> Em Lehmann (*op. cit.*: 11-12) são discutidas formalmente algumas restrições sobre predicções como *X fica P*, em que P pode ser, em última análise, qualquer das configurações acima referidas. No entanto é importante notar que a oscilação entre significado básico e significado genérico que podem ser atribuídos a *ficar* está dependente dos valores semânticos de P e não de *ficar*.

<sup>8</sup> É importante sublinhar que sempre que *para* ocorre em construções com *ficar* + inf, *para* é necessariamente uma conjunção. As preposições *de* e *a* associados a *ficar* restringem fortemente, sob o ponto de vista semântico, as características do verbo no infinitivo.

<sup>9</sup> Por questões de simplificação de análise tomarei como distinção semântica apenas estes dois traços, básicos, e algo redutores, das características de C<sub>0</sub>. As características semânticas, por exemplo, de Nomes [+/- contáveis], para os [-Hum], terão de ser tidas em conta numa análise mais fina e completa.

No quadro seguinte, sintetiza-se o que atrás se afirmou, dando-se sobretudo relevo ao papel diferenciador das preposições enquanto delimitadoras das situações:

Relação Predicativa	A	R	B
	C <sub>0</sub>	<i>ficar</i> Y	
Configuração		<i>ficar</i> prep Inf / SN / SAdj / SAdv	
Ocorrências:			
<i>ficar de</i> :	localizador	Sujeito Enunciador	modalidade
<i>ficar para</i> :	localizador	Y	tempo
<i>ficar a</i> :	localizador	Sit (sistema referencial)	aspecto

A partir dos dados acima analisados, julga-se oportuno apresentar algumas breves conclusões que permitem desenvolver o ponto seguinte deste trabalho:

(i) as diferentes configurações de *ficar* mostram que os significados básicos e genérico (permanecer, tornar(-se)) podem ser recuperados nas diferentes ocorrências (modais / temporais / aspectuais) das predicções em que *ficar* ocorre;

(ii) em configurações em que *ficar* ocorre com prep SN verifica-se a existência de valores diferenciados tendo em conta a natureza semântica da preposição e a natureza semântica do N, núcleo de C<sub>0</sub>;

(iii) em configurações em que *ficar* ocorre com prep inf. verifica-se a existência de valores diferenciados tendo em conta a natureza semântica da preposição e a compatibilidade (ou não) do verbo infinitivo e a natureza de C<sub>0</sub>.

Assim, *ficar* parece, qualquer que seja o ângulo de análise que se tome, apresentar consistentemente uma heterogeneidade de comportamentos, evidenciando uma oscilação entre o significado básico e o significado genérico acima definidos.

Uma outra hipótese para contribuir para a estabilidade de análise de *ficar* seria a de se definir, de acordo com, entre outros, Franckel (2004) ou de Vogüé (2004), para este verbo a sua caracterização através da sua Forma Esquemática (FE). A caracterização de uma qualquer unidade lexical em termos de Forma Esquemática «(...) vise à établir l'identité de cette unité à travers sa variation sémantique. Il s'agit de définir cette identité (...) comme un potentiel dont les différents emplois de l'unité sont autant d'actualisations. Les actualisations s'effectuent à travers les interactions de l'unité avec les différents types d'environnement qui constituent ces emplois.» (Franckel 2004: 104)

Se em certo sentido esta hipótese pode gerar aproximações com a hipótese de um significado básico e um significado genérico, ela afasta-se metodologicamente dessa análise já que, e tendo em conta os dados que suportam a análise até aqui feita, ambos os significados são produtivos e reconhecíveis nas diferentes configurações em que *ficar* ocorre em PE contemporâneo. Deste modo, e independentemente da instauração diacrónica dos valores

deste verbo, a identidade de *ficar* é ou manifesta-se de forma heterogénea, sob o ponto de vista semântico.

Outra questão, aqui considerada, e que desencadeia as propostas de Lehmann referidas acima é o seu estatuto gramatical. Julgo que qualquer uma das hipóteses podem ser interligadas, sendo, em certo sentido, esta última menos relevante, porque secundária em relação à definição dos valores semânticos deste verbo. Como suporte a estas afirmações discutirei, de seguida, como pode ser definida a FE de *ficar*, tendo igualmente em atenção as aproximações ou divergências com os valores de formas verbais aproximadas (*ser*, *estar*), consideradas, na tradição gramatical, como verbos auxiliares.

#### 4. *Ser*, *estar* e *ficar*: pontos de convergência e de divergência

Num trabalho não publicado, Henriqueta Costa Campos, (Campos s/d), define as linhas gerais que aproximam e afastam estes três verbos. Assim, *ser* marca um estado (*ser alto*) ou uma propriedade, quando associado à preposição *de* (*ser de Lisboa*) e um valor temporal/modal quando associado a *para* (*ser para fazer amanhã/depois*); *estar* é marcador de um estado [+/- transitório] (*estar alto / estar de férias*), mas exibe como preponderante, tal como se verifica com *ser*, um valor modal/temporal quando associado a *para* (*estar para acabar / chegar*). Em relação a *ficar*, a autora reforça o que atrás se afirmou: *ficar* é marcador de uma mudança de estado, passagem de um limiar semântico (*ficar alto, ficar de restos, ficar de férias*), mas tal como se verifica com *ser* e *estar*, manifesta preferencialmente um valor temporal com *para* (*ficar para amanhã*).

Assim, o valor das diferentes configurações destes verbos, quando analisadas comparativamente, mostram a estabilização de um valor que lhes é comum, valor esse definido pela preposição *para*. Do mesmo modo, e por razões que se prendem com a sua natureza semântica, só *estar* e *ficar* se associam à preposição *a*, construindo um valor não télico das situações. Em relação à preposição *de*, o valor modal, como comprometimento, parece ser inerente a *ficar*, tendo como restrição a selecção de um infinitivo.

Se nos centrarmos agora nas operações subjacentes aos enunciados em que estes verbos ocorrem, será importante referir que *ficar*, ao contrário do que se passa com *ser* ou *estar*, define uma operação de percurso, construindo uma classe descontínua de ocorrências. É esta característica que permite, para qualquer configuração de *ficar*, associar-lhe, mesmo quando aparentemente define a passagem de um limiar semântico (nas configurações com PP – *ficou molhado*), um valor inerentemente não télico. A variação deste valor é moldada pelo valor que o SP / SN / PP desencadeiam sobre a classe de instantes *t*, definidos na predicação. A preponderância de valores temporais, modais ou aspectuais que as diferentes configurações permitem são definidas entre os valores de P (na acepção de Lehmann) e os diferentes localizadores que permitem essas interpretações.

Os argumentos acima expostos permitem, e tendo em conta a definição de FE acima enunciada, propor para *ficar* a seguinte formulação:

FICAR: a partir de um dado t, existe a construção de um valor não télico de uma nova classe de instantes, modulada pelo valor diferencial de P

Esta formulação pode, de algum modo, ajudar a perceber de que forma os sentidos básico e genéricos se inter-relacionam e, até, em certo sentido, se sobrepõem em PE contemporâneo. Permite, ainda, embora modestamente, também, acrescentar alguma mais valia à discussão sobre o estatuto de *ficar*: ser ou não auxiliar (ou semi-auxiliar), evidenciando que, sob este ponto de vista, esta questão é (ou parece ser) pouco relevante. Mais do que uma categorização (externa), importa, de acordo com esta perspectiva de análise, entender e descrever as formas tal como os falantes as produzem e reconhecem. Esse percurso ganha porém se, na argumentação construída, se tiver em conta dados de natureza diacrónica que ajudem a compreender o que sincronicamente pode parecer não transparente. Foi, também por isso, que o trabalho de Christian Lehmann constituiu, mais do que uma base de trabalho, um desafio para que este artigo pudesse existir.

## Referências

- Ali, Manuel Said (1931). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos.
- Bechara, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (s/d). Sobre *ser, estar e ficar* em Português Europeu (*ms*).
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998). *Dever e Poder – um subsistema modal do Português*. Lisboa: FCG/JNICT.
- Culioli, Antoine (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris: Ophrys.
- Cunha, Celso & Luís Filipe Lindley Cintra (1984). *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Franckel, Jean-Jacques (2004). Sentir/sens. *Linx* (50), pp. 103-134.
- Gonçalves, Anabela (1996). Aspectos da sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu. In Gonçalves, Anabela, Madalena Colaço, Matilde Miguel & Telmo Mória (orgs) *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. Lisboa: Colibri, pp. 7-50.
- Gonçalves, Anabela & Teresa Costa (2002). *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Colibri/APP.
- Lehmann, Christian (2008). A auxiliarização de 'ficar'. Linhas gerais. In Almeida, Maria Clotilde, Bernd Sieberg & Ana Maria Bernardo (eds), *Questions on language change*. Lisboa: Colibri, pp. 9-26.
- de Vogüé, Sarah (2004). Syntaxe, référence et identité du verbe *filer*. *Linx* (50), pp. 135-167.